

IGREJA/SAÚDE: Bispo de Viseu defende «cultura de gratuidade» opondo-se à «desumanização» e ao «descartável»

O bispo de Viseu disse que os doentes “têm o direito a ser tratados com as melhores práticas em saúde”, na sua mensagem para o Dia Mundial do Doente 2019, que a Igreja Católica assinala a 11 de fevereiro.

“A prestação dos cuidados de saúde aos doentes deve procurar sempre o maior bem, mesmo perante as conquistas alcançadas pelos avanços da medicina e das biotecnologias, pois estas devem ser colocadas ao serviço da pessoa humana e da sua dignidade e nunca favorecendo a sua manipulação”, escreveu D. António Luciano, que assina a mensagem da Comissão Nacional da Pastoral da Saúde.

O bispo salienta que “é responsabilidade e missão” de cada profissional “proporcionar os melhores serviços e oferecer as melhores práticas em saúde”. “Aqui desempenham um serviço importante os administradores, os gestores, os médicos, os enfermeiros, os técnicos e operacionais de saúde, os capelães e os assistentes espirituais, os voluntários, as famílias e toda a comunidade” observa o responsável, que já foi enfermeiro.

D. António Luciano realça que a “humanização dos cuidados de saúde”, a promoção da verdadeira qualidade de vida, “o cuidar com a razão e o coração” desafiam “a sair do egocentrismo, do individualismo” de cada pessoa para lutar “contra a cultura do descartável e da indiferença”. Para o bispo de Viseu, o voluntariado e a humanização do cuidar devem “levar as instituições católicas e outras” a promover uma “cultura de gratuidade opondo-se à cultura da desumanização, do lucro e do descartável”.

“O voluntário comunica valores, comportamentos e estilos de vida que têm no centro o fermento da doação ao outro; A alegria do serviço como um dom gratuito é um indicador apontado para se ser voluntário junto dos doentes e de todos os que sofrem”, desenvolveu.

Segundo o bispo de Viseu, o cuidar dos pobres, dos doentes e dos moribundos “precisa de profissionalismo, de ciência e ternura”, de gestos gratuitos e imediatos, de simplicidade e humildade, onde “o acolher com amor faz a diferença” de sentir quanto o outro nos é “querido”.

(AE190205)

Domingo próximo

T.Comum-Domingo VII-C*24 Fevereiro

ler / escutar – acolher



I Sam. 26, 2.7-9.12-13.22-23

No I Livro de Samuel apresenta-se um episódio emblemático que precede a chegada de David ao poder. Escolhido por Deus, mas perseguido pelo ciumento rei Saul, David tem de fugir para salvar a sua vida, enquanto espera que se cumpram os designios de Deus. Um dia, David tem a possibilidade de matar Saul e acabar com a perseguição; mas recusa-se a erguer a mão contra “o ungido do Senhor”



I Cor. 15, 45-49

Paulo reflete sobre o “modo” da ressurreição. Como ressuscitarão os mortos? As crenças judaicas do tempo concebiam o mundo dos ressuscitados como uma continuação do mundo presente; no momento da ressurreição, dizia a crença judaica, os corpos recuperarão o corpo que tinham neste mundo.

Evidentemente, tais representações não podiam ser facilmente aceites pelos espiritualistas de Corinto

Que pensa Paulo de tudo isto? Ainda que saiba estar a mover-se num terreno misterioso, Paulo não se esquivava à questão e apresenta uma série de reflexões que podem ser clarificadoras para os seus interlocutores **coríntios**.



Lc. 6, 27-38

As “bem-aventuranças” (cf. Lucas 6, 20-26) propunham aos seguidores de Jesus uma dinâmica nova, diferente da dinâmica do mundo; na sequência, Jesus exige aos seus uma transformação dos próprios sentimentos e atitudes, de forma que o amor ocupe sempre o primeiro lugar.

(base DEHON)

FOLHA DOMINICAL

divulgada pela Paróquia d

Fevereiro
2019

Anúncio da PROCLAMAÇÃO

DOM 17

DA PALAVRA DE DEUS

HOJE

JEREMIAS 17, 5-8

Salmo 1, 1-2.3.4.6 (R. Salmo 39, 5a)

I CORÍNTIOS 15, 12.16-20

LUCAS 6, 17.20-26

Interrogações

neste

DOMINGO

1

Quais são as referências fundamentais à volta das quais se constrói a nossa vida? Onde está a nossa segurança e a nossa esperança? Na conta que temos no banco? Nos amigos influentes? Na importância da nossa posição social ou profissional? Nas conquistas científicas ou técnicas? Ou nesse Deus que se compromete connosco e encontra mil formas de demonstrar, dia a dia, a sua fidelidade?

2

Será na medida em que nos comprometemos com um mundo novo e o construímos com gestos concretos de espírito cristão, que estamos a anunciar a ressurreição plena do mundo, dos homens e das coisas?

3

Vinte e um séculos depois do nascimento de Jesus, que é feito da sua proposta?

(base DEHON)

Urgência de «renovação» na ação da Igreja Católica

O arcebispo de Braga disse que a ação pastoral da Igreja Católica tem necessidade de renovação, valorizando a sua mensagem na sociedade atual.

“Não é o Evangelho que está em crise, não é a Igreja que está em crise: nós temos necessidade de encontrar novas modalidades de proclamar o mesmo Evangelho, de modo que possa testemunhar uma grande credibilidade e a sua mais-valia para os dias de hoje”, referiu D. Jorge Ortiga, durante os trabalhos da conferência ‘Enovar 2019’.

O arcebispo primaz falou da ação da Igreja Católica, insistindo na “urgência de que os cristãos se tornem verdadeiros discípulos” e com consciência da missão que têm a realizar.

Para D. Jorge Ortiga, é necessário superar a tentação de fazer apenas “diagnósticos negativos” da realidade, para regressar ao “essencial”, que é a figura de Jesus Cristo.

“Liderança à luz da fé” foi o tema da edição de 2019 da conferência Enovar

(AE190211)

De facto, “entre as causas mais importantes da crise do mundo actual estão uma consciência humana anestesiada e um afastamento dos valores religiosos, a que se junta o predomínio do individualismo e das filosofias materialistas”.

Documento sobre a fraternidade humana assinado com o Papa Francisco nos Emirados Árabes Unidos em 04fev2019

Oração cristã é comunitária e recorda «todos os pobres do mundo»

O Papa Francisco disse que a oração cristã é comunitária e recorda as necessidades de “todos os pobres do mundo”, numa reflexão dedicada ao Pai-Nosso.

“As necessidades mais elementares do homem – como a de ter comida para matar a fome – estão todas no plural. Na oração cristã ninguém pede o pão para si: pede-se para todos os pobres do mundo”, assinalou, perante cerca de 7 mil pessoas reunidas para a audiência pública semanal, no auditório Paulo VI. Prosseguindo a série de catequeses sobre a oração que Jesus ensinou aos seus discípulos, Francisco destacou que este diálogo com Deus “não é individualista”, mas é feito “desde e com a comunidade de irmãos e irmãs”.

“Quando reza, o cristão leva consigo as pessoas e as situações que vive, fazendo seus os sentimentos de Jesus, que sente compaixão por quantos se encontram no seu caminho. Também nós, quando rezamos, temos presentes as pessoas que não procuram Deus, porque Jesus não veio para salvar só os justos, mas todos”, declarou.

A vida do mundo, realçou o Papa, não fica “fora da porta” quando um cristão se fecha no seu quarto, a rezar, num momento de silêncio e introspeção. “A verdadeira oração realiza-se no segredo da consciência, no fundo do coração: com Deus é impossível fingir, é como o olhar de duas pessoas, o homem e Deus, quando se cruzam”, precisou. Francisco aludiu à ausência da palavra “eu” na oração do Pai Nosso.

“Quando rezamos, abrimo-nos ao grito de tanta gente, próxima ou distante? Ou pensamos na oração como uma espécie de anestesia, para ficar mais tranquilo? Isto seria um erro terrível”, alertou. (AE190213)

Calendário e LITURGIA

A PALAVRA

diariamente

SEGUNDA 18

Pediam-Lhe um sinal do céu, para O experimentarem. Macos. 8, 11

Não me calarei. Acuso-te atirando-te à cara tudo o que fizeste.

Salmo 49, 21

TERÇA 19

“Acautelai-vos do fermento dos fariseus” Marcos 8, 15

A voz so Senhor é poderosa. Salmo 28, 4

QUARTA 20

Trouxeram-Lhe então um cego e suplicaram-Lhe que o tocasse.” Marcos 8, 22

Como agradecerei ao Senhor tudo quanto Ele me deu? Salmo 115, 12

QUINTA 21

“E quem dizeis vós que Eu sou?.” Marcos 8, 29

Um povo novo que será criado louvará o Senhor. Salmo 101, 19

SEXTA 22

“Tu és o Messias, o Filho do Deus vivo!.” Mateus 16, 16

O Senhor é meu pastor: nada me falta. Salmo 22, 1

SÁBADO 23

“Este é o Meu Filho muito amado: escutai-O” Marcos 9, 7

Quero louvar-Vos dia após dia. Salmo 144, 2

S. Valentim: Bispos portugueses alertam para violência no NAMORO

A Comissão Episcopal do Laicado e Família (CELF), da Igreja Católica em Portugal, alertou para o aumento da violência no namoro, numa mensagem divulgada para o dia de S. Valentim, 14 de Fevereiro. “Preocupa-nos a crescente violência no namoro, porque compromete um projeto familiar alicerçado no verdadeiro amor”, assinala o documento. A nota sublinha a importância do tempo de preparação para o matrimónio, considerando que o namoro pode apresentar “um conjunto de momentos fundadores de uma relação para toda a vida e pela qual se dá a vida”.

A Igreja saúda-vos e acompanha-vos com esperança, pois conta convosco para a constituição de novas famílias fortes na fé, na alegria e no amor fecundo, na certeza que é assim que Deus vos sonha e deseja contar convosco”. A CELF apresenta o namoro como um tempo de descoberta mútua, no qual se partilham “escolhas, sonhos e projetos”.

“O tempo do namoro é decisivo, porque leva à descoberta da beleza do amor pela dádiva da vida, por isso, requer tempo, delicadeza e seriedade, que geram confiança, estima e respeito”, pode ler-se.

O organismo católico conclui com uma referência ao facto de o “Dia dos Namorados” ser festejado sob a invocação de S. Valentim, um santo da península itálica, do século III, que teria apoiado os jovens no matrimónio, contra a ordem do imperador que os impedia de casar, para servirem o exército romano. (AE190212)

FAMÍLIA: «Ninguém parece interessado em cuidar da célula base da sociedade»

O arcebispo de Braga disse que não se pode “lamentar da violência doméstica” enquanto o tema família “for relegado para o último lugar”, na Jornada da Família das Paróquias de Santo Adrião e de S. Martinho de Brufe.

“A violência doméstica é uma doença que tem a sua origem na desestruturação da família. Por detrás de qualquer crime está sempre uma família despedaçada. Ninguém parece querer falar da família. A esquerda por ideologia, a direita por vergonha”, disse D. Jorge Ortiga, em Vila Nova de Famalicão.

O arcebispo de Braga assinalou que “estão todos preocupados com novas leis e mais pesadas” para combater a violência doméstica mas “ninguém parece interessado em cuidar” da família, “célula base da sociedade”.

A 14.ª Jornada da Família, promovida pelas equipas paroquiais de Pastoral Familiar, teve como objetivo falar do que “ninguém fala e entrar nas periferias existenciais da família”.

“Quando se trata da estrutura base da sociedade, e de uma sociedade sã, as políticas sobre família não existem. Tudo afeta a família e tudo o que ataca a família destrói a sociedade; Separações, reconciliação e luto não é um assunto de parlamento”, lê-se na informação enviada pelo padre Francisco Carreira, alertando que se percebe que, “efetivamente, o tema família é um assunto à margem”.

“Separações: reconciliação e luto” foi o tema do encontro, que teve como oradores o padre Jorge Vilaça e a irmã Frederica Dotti, no Centro Pastoral de Santo Adrião de Vila Nova de Famalicão.

A religiosa, da Comunidade Loyola, doutorada em Direito Canónico, falou sobre a reconciliação e citou o Papa Francisco: “A família não é um problema mas uma oportunidade”.

“Apesar da confusão de prioridades e dos estragos das crises não assumidas, a família é uma esperança também hoje. A reconciliação matrimonial ou qualquer outra reconciliação precisa de tempo. Dar tempo é dar vida, é dar amor; O perdão tem a força e a capacidade de curar as feridas. Para o efeito, nas crises matrimoniais é importante um terceiro elemento”, desenvolveu a irmã Frederica Dotti lembrando que a Arquidiocese de Braga tem “um serviço de acompanhamento dos matrimónios”.

Já o responsável pelo Centro de Escuta e Acompanhamento Espiritual arquidiocesano explicou que “o luto não tem a ver com pessoas” mas com as “expectativas ou os vínculos” que se criam em relação “a pessoas, a coisas ou a opções de vida”.

“Quem sou eu depois do que perdi?”, perguntou o padre Jorge Vilaça, salientando que a resposta “passa pela reconciliação e perdão”, e como “bom exemplo” de um processo de separação dos lutos destacou o texto bíblico dos Discípulos de Emaús.

A 14.ª Jornada da Família das Paróquias de Santo Adrião e de São Martinho de Brufe foi uma “longa conversa” sobre assuntos que “estão à margem dos diálogos políticos, familiares ou das conversas de amigos” mas “fundamental para o futuro da sociedade”, destaca a nota do padre Francisco Carreira. (AE190212)